

CORPOS TRANS E VIOLÊNCIA: a arte como instrumento de denúncia na música de Jup do Bairro e na poesia de Nena Callejera

Roberta Moura Cavalcanti*

Paula Korey da Silva**

Natanael Duarte de Azevedo***

Resumo: Os olhares sobre as representações de gêneros destoantes do binômio masculino/feminino acabam legitimando certas violências, ainda que simbólicas, a grupos que decidem não obedecer às regras impostas pela sociedade cisheteronormativa. Dessa forma, faremos uma análise literária comparativa da canção *Transgressão*, de Jup do Bairro, e da poesia sem título de Nena Callejera, ambas mulheres trans/travestis, pretas e periféricas. Para abordar as violências sofridas por corpos trans, tomaremos como principal base York, Oliveira e Benevides (2020) e Mbembe (2018). Ao abordar o caminhar histórico do gênero canção e a relação indissociável entre música e poesia, adotaremos os teóricos Spina (1996) e Moisés (2001). Nossa pesquisa toma como ponto de partida não só a identidade de gênero dessas mulheres, mas as formas como elas se utilizam da arte para denunciar situações e vivências que corpos como os delas sofrem. Assim, ao problematizar a respeito das vivências de identidades trans nas pesquisas acadêmicas, sobretudo literárias, buscamos abrir espaço para que possamos pensar como relações de poder, presentes tanto nas relações de gênero, quanto

* Mestra em Estudos da Linguagem (PROGEL/UFRPE) da Universidade Federal Rural de Pernambuco, amarela.cavalcanti@gmail.com.

** Mestranda em Estudos da Linguagem (PROGEL/UFRPE) da Universidade Federal Rural de Pernambuco, paula.korey@gmail.com.

*** Doutor em Letras pela UFPB e professor permanente do PROGEL da Universidade Federal Rural de Pernambuco, natanael.azevedo@ufrpe.com.

nas de sexualidade, podem determinar, nos microespaços sociais, práticas com potência de reforçar a subalternidade dos chamados indivíduos de identidades sexuais e de gênero dissidentes.

Palavras-chave: Corpos trans; Violência; Poesia; Canção; Teoria queer.

TRANSGENDER BODIES AND VIOLENCE: the art as a tool of complaint in Jup do Bairro' songs and in Nena Callejera's poetry

Abstract: The views about gender representations that do not match the male/female binomial end up legitimizing certain types of violence, even if symbolic, against groups that decide not to obey the rules imposed by the cisheteronormative society. Thus, we will make a comparative literary analysis about the song *Transgressão*, by Jup do Bairro, and Nena Callejera's untitled poetry, both trans women and shemales, black and from the outskirts. To approach the violence suffered by transgender bodies, we will take York, Oliveira and Benevides (2020) and Mbembe (2018) as the main theoretical basis. While mentioning the historical journey of the song genre and the inseparable relationship between music and poetry, we will take the theorists Spina (1996) and Moisés (2001). Our research takes as a starting point not only the gender identity of these women, but the way they use art to denounce situations and experiences that bodies like their suffering. Thus, by problematizing the experiences of trans identities in academic researches, especially literary ones, we seek to open space so that we can think how power relations, present in both gender and sexuality relationships, can determine, in social microspaces, practices that reinforce the subordination of the so-called dissident individuals of sexual and gender identities.

Keywords: Trans bodies; Violence; Poetry; Song; Queer theory.

Introdução

Ao analisar canções da música brasileira, é imprescindível compreender o processo de formação desse gênero e sua relação indissociável com o texto poético e com a música. Como bem dizia Octávio Paz, "A poesia ocidental nasceu aliada à música" (PAZ, 1982, p. 104)

e, partindo dessa premissa, estudaremos a origem do gênero canção e da sua relação direta com a poesia, para analisar comparativamente as canções *Transgressão*, da cantora, compositora e performer paulista Jup do Bairro, e o poema sem título da pernambucana Nena Callejera, ambas mulheres trans que usam as suas artes como forma de denúncia contra as violências sofridas por corpos que ousam romper as normas de gênero impostas em sociedades cisheteronormativas¹.

A violência é um traço marcante da vivência de pessoas trans e travestis. O Brasil é o país que mais mata pessoas trans no mundo, segundo a *TransgenderEurope* (TGEu). Esse mesmo país é também o maior consumidor de pornografia trans, de acordo com a mesma agência. Esses dados indicam que corpos trans podem ser alvo de desejos sexuais, mas para sociedades fundadas em um CISTema, o desejo sexual não indica, necessariamente, valor, o que permite que suas mortes sejam naturalizadas, tornando seus corpos em elementos políticos, formados por um tecido discursivo, como bem afirma Paula Bianchi (2018) “forjado como uma colección de piezas, de pedazos, de membros, de zonas, de estados, de funciones” (BIANCHI, 2018, p. 167).

O fato de terem seus corpos objetificados sexualmente não significa que as pessoas do segmento T possuem relações afetivas com seus parceiros e parceiras. A solidão das pessoas trans é mais uma indicativa da violência simbólica que as acomete e essa é a temática central abordada na poesia de Nena Callejera que trabalharemos aqui.

A ausência de afeto, o mendigar por carinho e atenção é trazido ao longo do texto da poetisa pernambucana. Essa mesma solidão também permeia a canção de Jup do Bairro que apresenta como

¹ Entende-se como cisheteronormatividade o regime de poder centrado na cisgeneridade (que atribui ao sexo biológico à construção do gênero) e na heteronormatividade (que compreende como norma as relações pautadas na heterossexualidade).

tema central a transição que seu corpo passa como uma metáfora para o processo que a lagarta sofre até virar borboleta e ser livre. Embora a canção da paulistana seja sobre a liberdade trazida para seu corpo pela transição, a solidão a que são acometidos os corpos trans também é trabalhada no texto, sobretudo o que tange o medo de morrer sozinha.

Desta forma, este artigo será construído, tomando por base a divisão em três seções: a primeira, em que será abordada a temática da violência e corpos trans/travestis; a segunda, na qual discorreremos sobre o gênero canção e sua relação com o texto poético e a música; e, por fim, a terceira seção, em que se dará a análise comparativa dos dois textos aqui elencados.

Na primeira seção, para o debate sobre violência e os corpos das pessoas do segmento T, tomaremos como aporte teórico principal o *Manifestações textuais (insubmissas) travesti* (2020), de Sara Wagner York, Megg Rayara Oliveira e Bruna Benevides e *Necropolítica* (2018), de Achille Mbembe, e sua política de morte, cujos corpos trans e travestis, enquanto descartáveis socialmente, são também acometidos por essa política.

O corpo trans, incluso o corpo travesti, é a possibilidade de um outro corpo para além das normalizações instituídas em sociedades cis-héteros-patriarcais. A existência desses corpos ainda está muito ligada, infelizmente, às práticas de violência que são impostas a essas pessoas, como afirmam Sara Wagner York, Megg Rayara Oliveira e Bruna Benevides, no texto *Manifestações textuais (insubmissas) travestis*:

A ruptura às normas sociais, ao longo da história, colocavam as travestis às margens sociais, expondo ou naturalizando práticas de violência (estrutural, simbólica, patrimonial, psicológicas e físicas), além da exclusão social comumente praticada por parte da população contra nós (YORK; OLIVEIRA; BENEVIDES, 2020, p. 2).

Na segunda parte, discorreremos sobre a origem e estrutura do gênero canção, tendo em vista que analisamos dois textos poéticos, sendo um deles uma canção, gênero que, historicamente, nasce unindo poesia e música, tomando como principal teórico Segismundo Spina (1996). Sabemos que a origem da canção se deu na França, região de Provença, por volta do século XI, nascida da união entre poesia e música, e que da Provença ela se difundiu pela Península Ibérica, de onde surgiu a poesia palaciana e o movimento trovadoresco. Podemos dizer que foi no trovadorismo que a canção teve seu cume, quando foi mais cultivada e disseminada, pois no Romantismo ela passou a ceder lugar ao verso livre e ao branco e, no Modernismo, a canção estava bem mais ligada à música que à poesia.

Na terceira e última seção deste artigo, realizaremos as análises comparativas entre a poesia de Nena Callejera e a canção de Jup do Bairro. Enquanto em Nena teremos um texto puramente poético, em Jup do Bairro nos deparamos com o gênero canção que, de forma indissociável, une poesia e música. Ambos os textos abordam as violências que os corpos trans e travestis sofrem por decidirem ser quem são, sejam as violências do próprio processo de transição, sejam as que lhes negam o direito ao afeto, destinando esses corpos à solidão.

Trabalhar com duas mulheres que apresentam marcas semelhantes de subalternidade e opressão, enquanto mulheres trans/travestis, pretas e periféricas, mulheres que utilizam sua arte como forma de denúncia da dura realidade que acomete seus corpos que ousam transgredir as normas de uma sociedade cisheteronormativa, é, ao mesmo tempo, um desafio e uma necessidade de compreender a arte enquanto instrumento de queixa/denúncia social.

Corpos trans e violência

Iniciaremos este tópico recorrendo ao dicionário, ainda principal fonte de esclarecimentos de verbetes, para vermos o que ele tem a nos dizer sobre a palavra “corpo”. Segundo o dicionário *on-line* Michaelis, “corpo” significa:

- 1 ANAT Conjunto de elementos físicos que constitui o organismo do homem ou do animal, formado por cabeça, tronco e membros;
- 2 ANAT Formação anatômica, embriológica ou histológica;
- 3 Tudo o que tem extensão e forma;
- 4 ANAT A estrutura física de uma pessoa;
- 5 FIG A matéria conformada que é parte da individualidade de cada ser humano ou animal;
- 6 ARQUIT A parte principal de uma estrutura arquitetônica;
- 7 O cadáver humano (MICHAELIS, 2021, s/p)².

Elementos físicos, biológicos, anatômicos, forma, matéria, todas essas palavras estão relacionadas na conceituação da palavra corpo, mas é o significado de número 7 que gostaríamos de ressaltar: CADÁVER. Um cadáver ainda é um corpo. A ausência de vida não nega que um corpo ainda seja um conjunto de elementos físicos que constitui o organismo do ser humano. Mas se pensarmos em pessoas trans, seus corpos são considerados corpos? Ou mais, será que um cadáver de uma pessoa transgênero é considerado um corpo?

Anselmo Alós (2012), citando Descartes, afirma que o corpo, enquanto categoria analítica da filosofia, é um tipo de receptáculo que permite, assim, a constituição da mente e da razão, sendo a mente o local onde se encontra a identidade. Um corpo trans, que não possui legitimidade perante a sociedade e cujas violências são validadas, é ao mesmo tempo um corpo que não importa, e um corpo necessário para definir a margem daqueles corpos que são considerados legítimos.

² Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/corpo/>. Acesso em: 21 jan 2021, às 14:47.

E é essa abjeção, essa deslegitimação e até desumanização dos corpos trans que validam a violência que essas pessoas sofrem. De acordo com Silva e Barboza (2005), o uso da violência tanto simbólica quanto física, como maneira de controle e, até mesmo, com o objetivo de se garantir a limpeza social passa a ser validada, sob a justificativa de que se deve manter a ordem moral que harmoniza a sociedade.

Achille Mbembe, em *Necopolítica* (2018), ao trabalhar a ocupação colonial na modernidade tardia, afirma que “a violência constitui a forma original do direito e a exceção proporciona a estrutura da soberania” (MBEMBE, 2018, p. 38). Uma das formas da soberania se instaurar é produzindo normas sobre um corpo, definindo quem é descartável e quem não é e, em sociedades ocidentalizadas, o corpo trans não é a norma, o que implica dizer que ele é um corpo que não importa, um corpo que pode ser descartado, um corpo que pode morrer.

O relatório da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) de 2020, ao comparar o número de assassinatos de pessoas trans nos dois primeiros meses de 2020, em relação ao mesmo período de 2019, constatou um aumento de 90%, superando, inclusive, o ano de 2017, considerado, até então, o ano com maior registro de assassinatos de pessoas trans:

Acreditava-se que durante a pandemia do COVID-19, os índices de assassinato poderiam diminuir como aconteceu em outras parcelas da população, pela necessidade do isolamento social colocado em muitas cidades/estados. Mas quando vemos que o assassinato de pessoas trans aumentou, temos um cenário onde os fatores sociais se intensificam e tem impactado a vida das pessoas trans, especialmente as travestis e mulheres transexuais trabalhadoras sexuais, que seguem exercendo seu trabalho nas ruas para ter garantida sua subsistência, visto que a maioria não conseguiu acesso às políticas emergenciais do estado devido à precarização histórica de suas vidas (ANTRA, 2020, s/p).

Esses dados explicitam o que Mbembe (2018) chama de necropolítica, a política de morte, de quem é aceitável morrer perante a sociedade. Pessoas trans têm seus corpos desvalorizados e suas vidas precarizadas, suas mortes raramente são questionadas, seus corpos violentados não geram revolta na sociedade e seus cadáveres nem chegam a ser considerados corpos ao ponto de serem expostos em filmagens, como é o caso da travesti Dandara que, depois de ter sido brutalmente espancada, foi assassinada a tiros e teve seu corpo já sem vida filmado e divulgado nas redes sociais³. Esse caso de Dandara foi um dos poucos que teve visibilidade e foi noticiado nas grandes mídias, tamanha a brutalidade, fruto de um processo de exotificação que, de acordo com York, Oliveira & Benevides (2020), é uma mensagem clara que aquele corpo não é aceito como humano e, portanto, não deveria existir, tudo isso com o aval do Estado, o que reitera a política de morte trazida por Mbembe (2018).

Como bem afirmam York, Oliveira & Benevides (2020), vários são os tipos de violência que esses corpos são submetidos e muitas pessoas trans acabam se adequando às normas sejam para terem direitos garantidos, como acessos a políticas públicas, ou seja, para sobreviverem em um mundo que não aceita suas identidades de gênero e valida a precarização de seus corpos. Aquelas pessoas que optam por permanecerem “no armário”, acabam “gozando de direitos ou confortos que deveriam operar sobre todas” (YORK; OLIVEIRA; BENEVIDES, 2020, p. 3).

Os pesquisadores Fernando Seffner e Amilton Gustavo da Silva Passos, do Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ao debaterem sobre o alto teor de violência presente nos crimes contra pessoas trans, afirmam:

³ Disponível em: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2017/03/apos-agressao-dandara-foi-morta-com-tiro-diz-secretario-andre-costa.html>. Acesso em: 21 jan 2021, às 17:13.

Os crimes contra a vida dessas pessoas costumam apresentar requintes de crueldade. Quando ocorrem, as agressões costumam ser múltiplas, por meio da utilização de instrumentos que permitem diversas investidas antes da efetiva morte de suas vítimas, sendo tais atos muitas vezes concentrados na região da face e nos órgãos genitais (SEFFNER; PASSOS, 2016, p. 145-146).

De acordo com Cristeva Cabello, em seu texto *Educación no sexista y binarismos de género, Agitaciones feministas y dissidências sexuales secundarias em la escuela* (2011), a escola é o primeiro local de violência de corpos trans, uma vez que em estabelecimentos educacionais gerados, uma prática comum é o uso do uniforme, deixando a cargo da escola estabelecer quem é “menino” e quem é “menina”, violentando o corpo que não se encaixa nesse binarismo de gênero à medida que obriga que crianças se vistam da maneira determinada de acordo com seu sexo biológico. Essa prática é extremamente agressiva não apenas para pessoas trans, como também para as pessoas não-binárias, o que configura uma violência aos corpos delas.

Outra forma de violência que marca os corpos trans e travesti é a ausência da adolescência. Por terem negado a si os direitos de serem quem desejam ser, muitas pessoas trans têm seus corpos adultizados de uma forma que a adolescência lhes é recusada, negando também experiências que essa etapa da vida proporciona aos jovens.

A utilização do pronome “o” para tratar travestis também configura uma forma de violência a essas pessoas, uma vez que travesti diz respeito a uma palavra feminina que compõe uma identidade real, social e política (YORK; OLIVEIRA; BENEVIDES, 2020). Assim, quando as pessoas empregam o artigo na desinência de gênero masculina para se referir a “travesti”, mostram desrespeito com a identidade de gênero e revelam a intenção de afirmar que aquela identidade pode ser deslegitimada, fazendo questão de deixar bem nítido o teor

masculinizador em corpos visivelmente femininos. Logo, além da violência física que as pessoas trans sofrem, há também a violência linguística/moral por não mostrar respeito pela identidade de gênero.

Desse modo, percebemos que as estratégias ideológicas pautadas marcadamente por uma matriz sexista, falocêntrica e transfóbica se materializam linguístico-discursivamente para construir a imagem desses seres dissidentes. Logo, é necessário entender que a violência discursiva, embora seja considerada por muitos como uma violência menor, impacta nas vivências das pessoas trans, subalternizando e ferindo por meio da linguagem.

Assim, é importante observar como as questões de identidade gênero são tratadas, trazendo o valor potencial da linguagem na manutenção, produção e transformação das representações, através das escolhas linguístico-discursivas, dos investimentos nas construções de significações e nas nomeações utilizadas para se referir às pessoas trans, permitindo-nos contestar os processos sociais que se utilizam das diferenças como marcadores de hierarquia e opressão.

Por fim, sabemos que desconstruir as noções engessadas acerca das identidades de gênero e de sexualidade ainda é um processo árduo, mas ao problematizar os corpos trans, estamos abrindo brechas para a construção de outras formas de pensar, discutir e abordar esses corpos, tornando visível e perceptível a existência de múltiplos corpos, sujeitos, formas de ser e de estar no mundo.

A canção e a poética queer como forma de denúncia

A palavra canção deriva da latina *cantione*, que significa canto, canção, e tem sua origem ligada à tradição oral e à poesia lírica, cujo berço foi a Provença, região do sul da França por volta do século XI. Quando a poesia lírica se expande pela Península Ibérica e Itália, ela

sofre modificações que resultam na matriz da canção erudita: “(...) a *cansó* provençal, adaptando-se ao clima literário itálico e sofrendo naturais transformações, vai gerar a *canzone*, matriz da canção erudita cultivada doravante” (MOISÉS, 2001, p. 282).

Na região do Sul da França, o poeta era chamado de *troubadours*, cuja correspondência em português é trovador, da qual deriva o termo trovadorismo, que designa aquele que compõe a poesia e a explicita com um acompanhamento musical, criando assim a canção: “A poesia lírica esteve, desde tempos remotos, sempre associada à música, razão porque os trovadores, com a formação de que dispunham, eram os seus compositores” (SPINA, 1996, p. 83).

Na Península Ibérica, a canção, durante o trovadorismo, especialmente na primeira fase, estava muito ligada à música e à dança, mas, em fins do século XV, a música e a poesia vão progredindo e tomando caminhos distintos. Música foi se tornando privilégio de profissionais, e a poesia era escrita para ser declamada e não mais cantada. Neste momento, música e poesia se separam, a cantiga cede espaço à poesia; e o trovador, ao poeta. Mais à frente, com o Romantismo negando os valores clássicos, rompendo as muralhas da corte e ganhando as ruas, e com o subjetivismo e o egocentrismo do poeta, a canção perde a estrutura rígida que tinha e ganha certa liberdade formal, mas preservando a musicalidade e o amor como principal elemento temático.

Música e poesia nasceram juntas durante a época medieval, em forma de canção, porém, com o passar do tempo, o termo passou a ser mais relacionado à música que à literatura, mas, mesmo com a separação, a poesia não perdeu sua musicalidade, nem a melodia deixou de lado a letra. Na relação entre as duas artes, o que diferencia é o uso que cada uma vai fazer do ritmo: enquanto a poesia se apegará mais às palavras para se construir esteticamente, a música fará do ritmo seu elemento fundamental, sobrepondo melodia ao texto

(CAVALCANTI, 2008). A letra de uma música e a musicalidade de uma poesia é o que permite que a canção não morra.

Mesmo o termo sendo usado mais para melodias com letras, a relação entre poesia e música é constante e inseparável, pois, para alguns autores, a canção não pode ser vista, nem analisada, apenas como um gênero musical, porque as duas linguagens se completam, ou seja, composição tem letra tanto quanto a poesia tem musicalidade. Como afirma Costa (2003, p. 18): “a canção é um gênero híbrido, de caráter intersemiótico, pois é resultado da conjugação entre a materialidade verbal e a materialidade musical (rítmica e melódica)”.

Ainda segundo alguns estudiosos da canção, ela não é apenas música, nem apenas poesia, e sim a junção dos dois elementos, como afirma Falbo:

diferentemente do que ocorre com o texto literário, a letra da canção não é a canção, mas um de seus vários elementos constitutivos, que alcançará plenitude expressiva apenas quando percebido de forma conjunta com os demais elementos (FALBO, 2009, p. 12).

Ao longo do século XIX, a ligação entre a poesia e a música continuou a se firmar, só que com uma linguagem poética renovada, decorrente dos inovadores versos brancos e versos livres, surgidos no movimento romântico, o que continuou no Modernismo com o uso de textos literários como letras de música, uma vez que o movimento uniu representantes de todas as artes em prol das estéticas de vanguarda (MATOS, 2008). No Modernismo, o lirismo remete à poesia a uma linguagem formada por sons, tons e metros, o que retoma a concepção original de poesia e música (CARA, 1998).

A canção é de uma versatilidade tamanha que, mesmo com as várias mudanças que sofreu, não perdeu o seu poder de comunicação e se firmou como marca registrada de alguns movimentos musicais no país, dentre eles a Bossa Nova, a Tropicália, o *Mangubeat* e, mais

recente, o movimento de cantoras trans e travestis que usam desse gênero e da sua arte para denunciar realidades sociais cruéis e os tipos de violências que corpos que fogem às normatizações da sociedade sofrem. E é com base nessa relação entre música e poesia e na construção poética das autoras como instrumento de denúncia das violências sofridas por corpos trans, que iremos adotar na análise comparativa entre a canção *Transgressão*, de Jup do Bairro, e o poema sem título, de Nena Callejera.

Jup e Nena – a arte a serviço da despadronização dos corpos

Oriunda da divisa entre o Capão Redondo, distrito periférico da região sudoeste de São Paulo, e Itapeverica da Serra, região metropolitana paulista, Jup do Bairro traz uma arte cuja união entre texto poético, música e performance se faz muito presente. O primeiro contato de sua arte literária com a música se deu em um dos saraus que organizava com amigos, o que configura sua trajetória como algo que nasce ligando música à poesia (MORITA, 2020), característica marcante do gênero canção que une texto poético e música (SPINA, 1996).

Com uma carreira artística em torno de 10 anos, só em junho de 2020 que a artista lançou seu primeiro álbum, intitulado *Corpo sem juízo*, cujo título faz alusão ao julgamento comumente dado àqueles que transgridem as normas impostas pela sociedade, sobretudo quando se é trans, negra e gorda e ousa ser quem deseja ser, rompendo as barreiras cisheteronormativas. É nesse EP que consta a canção “Transgressão” que iremos analisar neste artigo.

Saindo do Sudeste e caminhando em direção ao Nordeste brasileiro, mais especificamente na periferia de Recife, na favela de Roda de Fogo, encontramos Nena Callejera, mulher trans, negra,

MC, poeta, performer e representante do *slam*, gênero poético que consiste em batalhas, cuja carreira tem cerca de quatro anos e foi iniciada graças ao incentivo de outras mulheres pretas e periféricas. Nena, assim como Jup, usa da sua arte para fazer denúncia das violências vivenciadas, tendo seu corpo como matéria do seu texto e das ruas rimas:

Acho que a matéria-prima primordial do meu trampo é o meu corpo e a minha vivência. Minhas rimas falam muito disso, de ser uma travesti preta da periferia do Recife. E toda estrutura que existe para me afundar ao redor disso. E como eu transformo essa estrutura opressora em rima, em metarrima e denúncia da própria estrutura (CALLEJERA, 2019, s/p *apud* CORTÊS, 2019, s/p).

A trajetória das artistas tem elementos que convergem e que vão além da identidade de gênero e das questões de raça e classe. Para além de serem mulheres trans negras e periféricas, Jup e Nena traçam um percurso artístico bastante semelhante, tomando como ponto de partida a poesia. É do texto poético que nascem suas artes. A união entre poesia e música faz com que o gênero canção, e seus elementos constituintes, rima, métrica e verso, seja um elo central da obra de ambas, para além das pautas identitárias, tendo em vista que a poesia lírica historicamente esteve ligada à música (SPINA, 1996).

Em *Transgressão*, Jup do Bairro inicia a canção com “Tá tudo tão **estranho** aqui”, verso marcante que, apesar de aparentemente ser “simples”, já nos dá uma pequena amostra do que iremos encontrar ao longo do texto, estranheza, algo que foge às normalizações impostas socialmente. Embora com uma extensão maior, a mesma temática de estranheza, de fuga às normas e às regras é trazida também por Nena no primeiro verso de seu poema “Tá aqui a minha mão: pega ela e puxa. To esperando tua ação, misera! O que é que te coloca rédea? É meu corpo sem regra?”.

Essa estranheza, provocada pelo corpo sem regra, um corpo trans, travesti, negro, é, ao mesmo tempo, um local de marginalização desses corpos e um reconhecimento de outra possível existência, um outro corpo, “legítimo, além daquele normalizado” (YORK; OLIVEIRA; BENEVIDES, 2020, p. 2). Quando Jup e Nena trazem em suas poesias a consolidação de seus corpos não só como aqueles que fogem às normatizações das sociedades cisheteronormativas, mas como corpos possíveis e reais, elas estão pleiteando e constituindo uma identidade real, afirmando que existem.

Ambos os textos iniciam abordando sobre como seus corpos fogem a normatizações sociais, mas as temáticas seguem caminhos distintos. Enquanto que em *Transgressão* Jup do Bairro discorre sobre as mudanças que seu corpo sofre durante o processo de metamorfose, no qual transgredir a norma até virar borboleta, Nena aborda as dificuldades que um corpo trans/travesti sofre ao se relacionar afetivamente com alguém, trazendo a solidão que marca as travestis no campo afetivo-amoroso.

Ao tratar as mudanças que um corpo trans/travesti sofre durante a transição, Jup relata que o passo a ser tomado para a mudança não é fácil, retratado na palavra sufoco do verso “No **sufoco** criado da minha própria mudança”. Em seguida, a artista cita como essas dificuldades se apresentam e uma delas são os efeitos colaterais de quem faz uso de hormonização durante a transição, exemplificado no verso “Uma **mucosa com vazio** e falsas esperanças”, já que a boca seca é um distúrbio gastrointestinal consequência do uso de determinados medicamentos utilizados por pessoas em processo de transição.

Esses processos de modificações corporais que as pessoas trans passam podem ser associados ao que Donna Haraway aborda em seu *Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX* (1994), ao tratar o ciborgue como um ser híbrido do mundo

pós-gênero. Dessa forma, ao recorrer a procedimentos biotecnológicos ou até estéticos, como implante coclear e aplicação de *piercings*, por exemplo, os corpos normatizados estariam, assim, se transformando em ciborgues. Nesse caso, o uso medicamentoso de hormônios para a transição de gênero e mudanças corporais, presentes na canção de Jup do Bairro, configurariam esses corpos como ciborgues, conceito problematizado por York, Oliveira e Benevides (2020, p. 7) quando afirmam que “O ciborgue aqui é um corpo/conceito que dialoga com o exótico, o diferente, o artificial, como se fôssemos uma tentativa malsucedida de aproximação com o corpo cisgênero”.

Ainda na mesma estrofe, o processo de metamorfose, de sair do casulo, de se transformar e o medo da solidão, presente em pessoas que ousam transgredir a norma de gênero são retratados nos versos de Jup do Bairro: “No **aperto do casulo** da minha própria criação / Pensando em morte inevitável, me preparo pra **morrer na solidão**”. Nesse ponto, os textos das autoras se alinham no que tange à pauta da solidão das travestis e mulheres trans.

Enquanto Jup do Bairro trata o medo de morrer sozinha ao ponto de se preparar para esse momento, Nena aborda a solidão que as travestis passam no campo amoroso-afetivo, ressaltando que a raça é um elemento que agrava essa situação, como podemos ver nos versos da pernambucana: “Pegue com firmeza a minha bamba mão de tanto ouvir aquele samba “**a solidão é lava**” / imagine sendo **preta** e ainda sendo **trava**”. Essa solidão configura também um tipo de violência fruto da exclusão e da colocação em um não lugar que os corpos trans e travestis foram submetidos (YORK; OLIVEIRA; BENEVIDES, 2020). Nena termina a primeira estrofe abordando o que o cansaço e a solidão geram para as mulheres trans e travestis e como o sentimento de abandono se faz presente em suas vidas nos versos “Com o perdão da palavra, me sinto **cansada** e quase sempre **abandonada**”.

A poesia de Nena segue tratando dessa temática e, na segunda estrofe, a poetisa debate como é cansativo para as mulheres trans e travestis correrem atrás de afeto e carinho, presentes no verso “Sem competir opressão ou quem sofre mais aqui / Mas quanto **afeto se troca com a travesti?**”.

A artista continua discorrendo sobre essa solidão e as mazelas que ela, afirmando como é difícil ser uma mulher travesti, sempre na linha do trem, correndo perigo simplesmente por ser quem é, o que gera um certo afastamento das pessoas que poderiam se relacionar com esses corpos: “Eu sou mais uma preta que cansou de ser sozinha / na linha do trem, **sempre a perigo / tem que ter coragem para poder andar comigo**”, o que configura o corpo travesti, somado à opressão de raça, como um corpo descartável, fruto da soberania, resultado de uma ocupação colonial que, na contemporaneidade, gera um encadeamento “disciplinar, biopolítico e necropolítico” (MBEMBE, 2018, p. 48). O corpo trans/travesti, preto e periférico é um corpo que, socialmente, não importa, que não tem valor, o que gera a solidão dessas pessoas.

Se o tema da solidão é constante na poesia de Nena, na canção de Jup do Bairro, ela aparece como mais um dos elementos que demarca a violência que esses corpos são acometidos. Mas não apenas as marcas simbólicas da violência são retratadas na canção da paulistana, a transição se faz presente como uma espécie de luz que faz com que o eu-lírico vislumbre um acolhimento, como se mostra no verso através do uso de metáforas, elementos bastante presente em textos líricos (MOISÉS, 2001), uma vez que só após essa rachadura a luz se faz presente, como afirma a compositora: “Uma **rachadura** aparece, **uma luz que me aquece** / Abri meus olhos, desde então tudo me **entorpece**”.

Os versos seguintes continuam a abordar a transição, trazida como a crisálida, processo de metamorfose de lagarta em borboleta,

visíveis nos versos da paulistana: “Me deparo voando com um **par de asas** / Paraliso com o som de um pulso forte / Descubro que a vida é possível / **Mas preciso ter sorte**”, ao sair do casulo, ver a luz pela rachadura, abrir os olhos, se ver voando com seu par de asas e descobrir que a vida é possível, o eu-lírico metaforiza a transição de gênero como o processo que a lagarta sofre até virar borboleta e se tornar livre. Mas é preciso ressaltar que esse processo não é indicado como algo fácil, o verso final deixa claro “Mas preciso ter sorte”, o que nos remete à estimativa de vida de pessoas trans que é de 35 anos, menos da metade da média nacional que é de 75 anos, ou seja, é preciso ter sorte para viver, e envelhecer, como pessoa trans, sobretudo no país que mais mata essa população no mundo, de acordo com a ONG *Transgender Europe*.

A sorte, trazida na canção de Jup do Bairro, é algo que pessoas trans precisam contar, seja em poder existir, ou até em encontrar companheiras/companheiros de afeto, o que Nena aborda na sua poesia e que está presente na terceira estrofe, quando o texto segue discorrendo sobre a solidude a que são acometidos corpos trans e travestis, dessa vez com o recorte de classe, enquanto mulher trans preta e periférica, como podemos ver no verso “Mas ainda controlo a vontade de ligar / Não é que eu não ligue / Me importo como tu tá / **Talvez até sem chão / Ou precisando de teto** / Pensei tá ajudando aqui / **Mendigando afeto**”. Ao controlar a vontade de ligar para saber como a provável pessoa com quem divide afeto está, o corpo trans/travesti se priva de vivenciar momentos de afetividade e amorosidade que corpos cisgêneros não são privados, o que configura um tipo de violência, a de exclusão social, que essas pessoas são acometidas, sobretudo em sociedades cisheteronormativas (YORK; OLIVEIRA; BENEVIDES, 2020).

A quarta e última estrofe da poesia de Nena traz, mais uma vez, a questão do pouco afeto destinado aos corpos trans e travestis, ao

afirmar que “Tu não vale nada, mas **até que faz carinho / E mesmo sendo tosco**, eu gosto do teu passinho”. A temática da solidão que a população T (transgêneros e travestis) passa permeia toda a poesia da artista pernambucana, numa mistura de denúncia da violência proveniente da exclusão que marca esses corpos e do local que socialmente eles ocupam, fruto de uma sociedade que não só marginaliza seus corpos e lhes nega o afeto de relações amorosas, mas também de uma política que valida as suas mortes, tratando seus corpos como algo descartável.

No que tange à pauta do afeto, a canção de Jup também aborda essa questão, embora de forma bem menos profunda que na poesia de Nena. Na quarta estrofe da canção, Jup traz a relação afetiva como algo não tão duradouro “Faço de **flores e amores** minhas **curtas moradas**” e segue afirmando que o fato de ter um corpo trans lhe possibilita a enxergar, estar onde sempre quis estar e se entregar sempre que tiver vontade “Ter **um corpo que transita e me faz enxergar** / Eu vou, eu sigo, **estou onde eu sempre quis estar** / Se eu sinto cheiro no ar, **sempre vou me entregar**”. A compositora finaliza essa estrofe com o verso “Lembro do medo da **escuridão** e inventei em vida / **Transgressão**”, colocando a transgressão como algo inventado, em vida, uma luz que possibilita romper o medo da escuridão de ser quem não é. Nesse ponto, o texto de Jup dialoga com o que York, Oliveira & Benevides (2020, p. 6) discorrem ao afirmarem que as travestis “Donas de nossas não cisgeneridades, donas de nossos corpos a ponto de fazermos o que quisermos com eles”.

O refrão da canção de Jup se dá pela repetição do verso “Me deixa voar, me deixa voar”, numa alusão à borboleta que, após seu processo de metamorfose, ganha asas para ser livre e voar, metáfora trazida pela compositora paulistana para o processo de transição que, após transgredir o gênero, pessoas trans podem ser livres. O refrão da canção de Jup pode ser trazido também para a poesia de Nena,

numa espécie de súplica, à sociedade cisheteronormativa, para que as deixem voar, para que as deixem ser quem quiserem ser, amar quem quiserem amar e serem amadas por suas/seus parceiras/os, como corpos validados, possíveis e que importam. Uma espécie de súplica para viver e existir.

Considerações finais

Infelizmente, a pauta da violência ainda é um marcador relevante na hora de analisar corpos trans, tendo em vista que sociedades fundadas em regimes políticos cisgêneros e heteronormativos tendem a vulnerabilizar, subalternizar e deslegitimar corpos que ousam romper as barreiras de normatizações de gêneros. Essa vulnerabilização que acomete esses corpos deixa neles a marca do descartável, sem valor, o que acarreta em uma política que valida suas mortes, uma necropolítica dos corpos trans e travestis.

Essas violências são tão presentes nas vidas de pessoas trans e travestis que, aquelas que fazem da arte um ofício, utilizam seu instrumento de trabalho também como forma de denúncia para realidades que vivem diariamente, como é o caso das autoras que aqui foram trabalhadas. Tanto Jup do Bairro, quanto Nena Callejera, ambas mulheres trans/travestis, pretas e periféricas, uma da região Sudeste e outra da região Nordeste, embora com as diferenças que as marcas geográficas permitem, sofrem violências semelhantes por terem corpos que ousaram transgredir às normas de gênero.

A canção de Jup e a poesia de Nena, embora seguissem caminhos temáticos distintos, convergiram, sobretudo, em um ponto focal, a solidão que acomete mulheres trans/travestis. Enquanto Nena usou sua poesia para relatar o fato de que corpos como o seu são submetidos a ficarem sozinhos, Jup tratou em sua canção o processo

de transição, abordando alguns elementos violentos que um corpo que decide transicionar gênero passa. Ao mesmo tempo, a cantora paulista também tocou no tema da solidão, assim como fez Nena, ao relatar o medo de morrer sozinhas que essas pessoas passam, o que nos permite analisar que a solidão é algo presente na vida de pessoas do segmento T e configura mais um tipo de violência que elas são submetidas.

Dessa forma, ao analisar uma canção e uma poesia, recorrendo ao gênero literário canção e sua constituição como um gênero que surge unificando literatura e música em torno de uma forma, podemos perceber que a literatura, enquanto arte, pode ser utilizada como meio de denúncia de vivências, sobretudo ao que perpassa corpos não normatizados. As duas autoras aqui trabalhadas fazem uso de suas artes para denunciar as violências diárias que sofrem e que são cometidas por terem corpos que ousaram a ir contra as regulações de gênero, sobretudo em um país como o Brasil, o número 01 do topo de países que mais matam pessoas trans no mundo.

Referências

ALÓS, Anselmo Peres. *A letra, o corpo e o desejo – masculinidades subversivas no romance latino-americano*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2012.

ANTRA. Associação Nacional de Travestis e Transexuais. *Assassinatos de pessoas trans voltam a subir em 2020*. Disponível em: <https://antrabrasil.org/category/violencia/>. Acesso em 31 de jan de 2021.

BAIRRO, Jup do. Transgressão. In: CORPO sem juízo. Intérprete: Jup do Bairro. São Paulo: Gravadora Tratore, 2020.

BARONI, Gil. *Alice Júnior*. Rio de Janeiro: Beija Flor Filmes, 2019.

BIANCHI, Paula Daniela. “Dermis, huellas de una herida que cincela los huesos: EnriQuez, Stigger y Nettel”. *Revell – Revista de Estudos Literários da UEMS*, Campo Grande, v. 03, n. 20, p. 163-187, 2018. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/3178>.

CABELLO, Cristeva. *Educación no sexista y binarismos de género*. Agitaciones feministas y dissidências sexuais secundarias en la escuela. Valparaíso: Trío editorial, 2011.

CALLEJERA, Nena. Curto uma vingança, sou rancorosa. Zine A barca vai, mas volta. Recife: Índigo serigrafia, ago. 2019.

CARA, Salete de Almeida. *A poesia lírica*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1998.

CAVALCANTI, Luciano Marcos Dias. “Música Popular Brasileira, poesia menor?”. *Travessias*, Cascavel, v. 2, n. 2, 2008. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/2993>.

CORTÊS, Joana. Campeonato Slam BR reúne vozes das periferias brasileiras em forma de poesia falada – Nena Callejera, mulher trans, é uma das finalistas da batalha. *Brasil de Fato*, 13 dez. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/12/13/campeonato-slam-br-reune-vozes-das-periferias-brasileiras-em-forma-de-poesia-falada>. Acesso em: 10 fev. 2021.

COSTA, Nelson Barros da. “Canção Popular e o ensino da língua materna: o gênero canção nos parâmetros curriculares de língua portuguesa”. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, v. 4, n. 1, p. 9-36, 2003. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/253/268.

FALBO, Conrado Vito Rodrigues. *Beleléu e Pretobrás: palavra, performance e personagens nas canções de Itamar Assumpção*. 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

HARAWAY, Donna. “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 157-212.

MATOS, Maurício. “Cesário Verde, Fernando Pessoa, Gastão Cruz e Luiza Neto Jorge: por outros mares literários”. *Agulha - Revista de Cultura*, Fortaleza/São Paulo, v. 35, 2003. Disponível em: <http://www.revista.agulha.nom.br/ag35matos.htm>.

MORITA, Júlia Harumi. “Jup do Bairro: Transgressão e Pretitude de um Corpo Sem Juízo”. *Rolling Stones*, 25 jun 2020. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/jup-do-bairro-transgressao-e-pretitude-de-um-corpo-sem-juizo/>.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

- MOISÉS, Massaud. *A criação literária – poesia*. 15. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.
- PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1982.
- SEFFNER, Fernando; PASSOS, Amilton Gustavo da Silva. “Uma galeria para travestis, gays e seus maridos: Forças discursivas na geração de um acontecimento prisional”. *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana*, n. 23, p. 140-161, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/sess/n23/1984-6487-sess-23-00140.pdf>.
- SILVA, Alessandro Soares da; BARBOZA Renato. “Diversidade sexual, Gênero e Exclusão Social na produção da Consciência Política de Travestis”. *Athenea Digital - Revista de pensamento e investigación social*, n. 8, p. 27-49, 2005. Disponível em: <https://atheneadigital.net/article/view/n8-soares-barboza/218-pdf-pt>.
- SPINA, Segismundo. *A Lírica Trovadoresca – texto e arte 1*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- TRANSGENDEREUROPE. Transgender Europe’s Trans Murder Monitoring Project reveals. *Tgeu.org*, 30 out. 2014. Disponível em: <https://tgeu.org/transgendereurope-tdor-press-release-october-30-2014>. Acesso em: 19 jan. 2021.
- YORK, Sara Wagner; OLIVEIRA, MeggRayara Gomes; BENEVIDES, Bruna. “Manifestações textuais (insubmissas) travesti”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 28, n. 03, p. 1-12, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/75614/45157>.